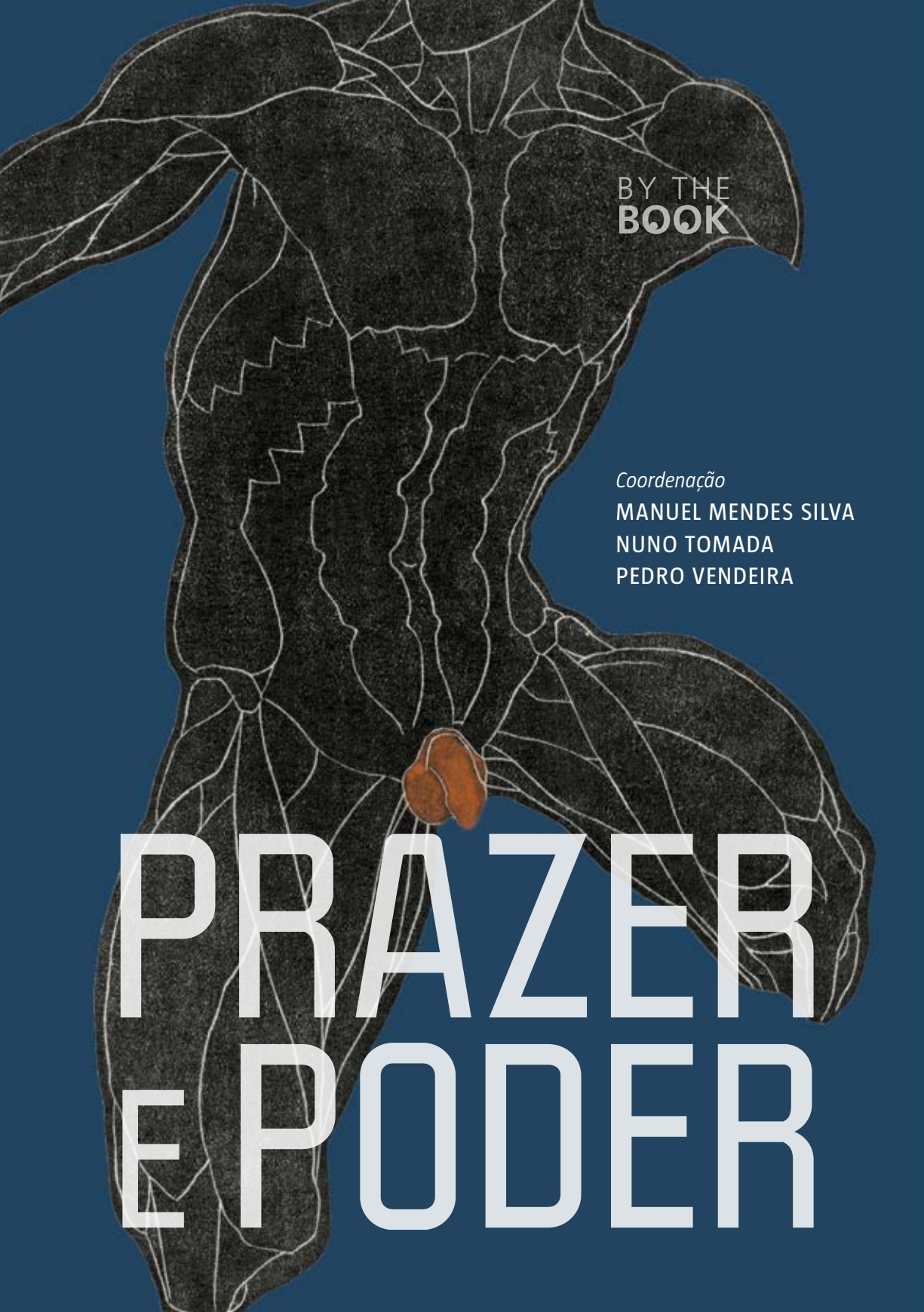


BY THE BOOK

Coordenação

MANUEL MENDES SILVA
NUNO TOMADA
PEDRO VENDEIRA

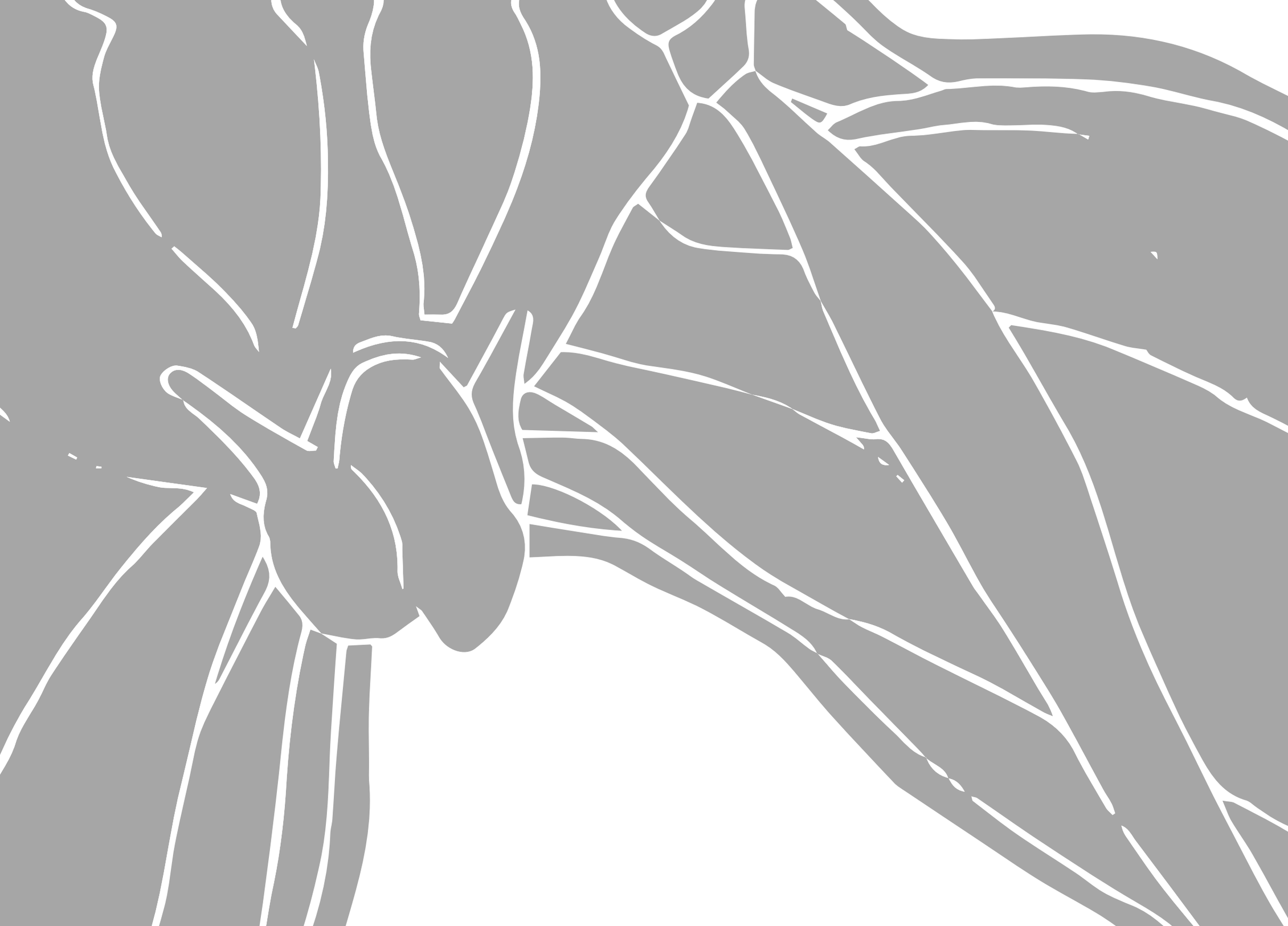
PRAZER E PODER

Autores
JÚLIO MACHADO VAZ
MANUEL MENDES SILVA
ALFREDO MOTA
JORGE ROCHA MENDES
FRANCISCO ROLO OLIVEIRA
MIGUEL ELISEU
JOSHUA RUAH
PEDRO EUFRÁSIO
FILIPE CATELA DA MOTA
RICARDO RAMIRES
NUNO MONTEIRO PEREIRA
PEPE CARDOSO
CARLA VEIGA RODRIGUES
LUIZ LEITE
BRUNO JORGE PEREIRA
JOSÉ ALBERTO PEREIRA
ALBERTO COSTA SILVA
AFONSO MORGADO
LA FUENTE DE CARVALHO
ARTUR PALMAS
BRUNO GRAÇA
NUNO TOMADA
JOÃO MARCELINO
MARIA DO CÉU SANTO
VÂNIA BELIZ
LEONOR DE OLIVEIRA
PATRÍCIA M. PASCOAL
ANDREIA A. MANÃO
IVONE MIRPURI
PEDRO VENDEIRA

PÉNIS PRAZER E PODER

e não só...

Coordenação
MANUEL MENDES SILVA
NUNO TOMADA
PEDRO VENDEIRA



9
prefácio: À boleia de Ferré
Júlio Machado Vaz

18
Breve ensaio sobre o pénis, a verga, o falo...
Manuel Mendes Silva

26
O pénis, a arte e o erotismo
Alfredo Mota

34
O pénis com humor
Jorge Rocha Mendes

41
O pénis na história e na geografia
Francisco Rolo Oliveira | Miguel Eliseu

47
O pénis e as religiões
Joshua Ruah

60
O pénis copulador e o pénis mictório (a uretra); origem, estrutura e funcionamento
Pedro Eufrásio

74
A "pilinha" e o seu desenvolvimento. O prepúcio e a fimose
Filipe Catela da Mota

78
A circuncisão no mundo
Ricardo Ramires

91
O mito e a realidade do tamanho do pénis
Nuno Monteiro Pereira

109
O pénis e o envelhecimento
Pepe Cardoso

112
Auto-exame do pénis – que tipo de higiene? A que estar atento?
Carla Veiga Rodrigues

118
Quais as doenças e as patologias do pénis?
Luiz Leite

122
Quais as doenças e as patologias do pénis?
Bruno Jorge Pereira | José Alberto Pereira

135
Quais os meios de estudo das doenças e patologias do pénis?
Alberto Costa Silva | Afonso Morgado

139
Disfunção erétil
La Fuente de Carvalho

148
Como tratar a impotência – tratamento médico oral e local
Artur Palmas

152
Como tratar a impotência – tratamento cirúrgico
Bruno Graça

157
O pénis insatisfeito – curto ou torto. Como mudar a estrutura ou a forma
Nuno Tomada

167
Os apertos na uretra
João Marcelino

174
O pénis visto pelas mulheres
Maria do Céu Santo

176
A pornografia e o pénis
Vânia Beliz

180
Substitutos de pénis
Leonor de Oliveira

184
O foco peniano e os problemas sexuais
Patrícia M. Pascoal | Andreia A. Manão

188
O pénis como barómetro da saúde masculina; a importância do equilíbrio hormonal na saúde peniana
Ivone Mirpuri

198
A afirmação masculina referida ao pénis
Pedro Vendeira

202
Biografias

208
Iconografia a cores

prefácio

À boleia de Ferré

Júlio Machado Vaz

Dos prazeres falaremos mais tarde (a frase, abastardada, surripiei-a sem pudor a Ferré, que a dedicou ao Código Civil). E a associação faz sentido. Debruçarmo-nos sobre o Poder, as suas normas e as hierarquias que mantém com pulso de ferro, luvas de pelica e álibis divinos ou científicos, é também explorar as fronteiras entre os diversos prazeres e a quem são permitidos; sem escândalo chocado ou repressão pura e dura.

Acontece que o tema é sinuoso e os meus companheiros de navegação neste livro, pelo rigor que cultivam nos diversos capítulos, não merecem uma visão impressionista, diletante e a-histórica da questão. Para os tranquilizar – e me proteger... – invocarei um dos nossos antepassados, de inquestionável prestígio. Sim, Paolo Zacchia não foi um homem qualquer. Médico do Papa Inocêncio X, a sua obra *Questões Médico-Legais*, sobretudo mas não só, valeu-lhe o estatuto de pai da Medicina Legal.

Comecemos por uma das suas afirmações: "as mulheres podem transformar-se em homens, mas o contrário é impossível." O argumento anatómico avançado releva da simples geografia corporal, não haveria espaço para o regresso do pénis ao interior do ventre. Mas não passa de um preâmbulo, segue-se uma visão geral dos sexos, da sua relação hierárquica e da ordem natural (?) do mundo que, majestosa, serve de pano de fundo à humilde Anatomia. Zacchia acreditava firmemente em duas coisas: "a Natureza tende sempre para a maior perfeição"; e qualquer alteração seria devida ao calor masculino, "que empurra, difunde, dilata; ele não comprime, contrai ou retrai", o que, por definição, impediria o recolher do pénis, mesmo que o ventre lhe abrisse os braços. Privada desse calor vital, restava à mulher invejá-lo; nele procurar abrigo ou algum contágio; e aceitar a superioridade masculina.

Laqueur junta a estas citações uma outra, cuja elegante interpretação é esclarecedora. Diz Zacchia que em mulheres transformadas em homens, "na maioria dos casos tal aconteceu depois de uma promoção (*beneficium*) do

clítoris". Laqueur faz notar que as palavras lógicas, livres de aculturação, para descrever um aumento de tamanho seriam *incrementum* ou *dilatation*, e não *beneficium*, que traduz privilégio concedido e ascensão social. Ou seja: ver o seu clítoris aproximar-se das dimensões de um pénis traduzia um caminho percorrido pela fêmea na busca da perfeição masculina. Criada – não o esqueçamos... – à imagem de Deus.

A conclusão tem tanto de cristalina como aristotélica, a fêmea é um macho imperfeito. E o pénis, um dos ecrãs onde se projecta uma assimetria que sempre implicou submissão. Primeiro, justificada pelos desígnios divinos, depois pela Ciência, que a manteve, substituindo a decisão do Senhor pelas "verdades" anátomo-fisiológicas.

Um exemplo paradigmático é a representação da vagina por Vesálio, no célebre *De Humani Corporis Fabrica*. O útero prolonga-se num órgão que qualquer observador actual decretaria um pénis sem hesitar. Assim como nos ensinaram que no museu de Sèvres repousa o metro-padrão, nos séculos XVI e XVII o corpo masculino era a referência de normalidade e perfeição, por decreto de ideologias disfarçadas de saber científico "objectivo". Atente-se nas representações gráficas e em como traduzem uma visão hierárquica dos sexos: a estrutura óssea das mulheres e a sua inervação assemelham-se às das crianças, justificando um estatuto de subordinação. São exemplos belos e deprimentes da capacidade do preconceito cultural deformar a Biologia, para depois a apresentar como evidência indiscutível.

Em ambos os casos estamos na presença do chamado modelo unissexual, homem e mulher habitam um *continuum*, embora a imperfeição "essencial" das mulheres seja um dado adquirido. Aristóteles não se deu ao trabalho de o provar pela sua decantada lógica e todos recordamos que, embora a formulação "homem e mulher, Deus os criou..." seja a primeira a surgir na versão bíblica, cedo foi ofuscada pela teoria cirúrgica do nascimento da mulher a partir de uma costela de Adão. O despertar lado a lado, ombro a ombro e igualitário cedia a boca de cena a uma hierarquia descarada – o homem, e apenas ele!, surgira à imagem do Criador. Que do corpo lhe extraíra uma companheira destinada a afastá-lo do Paraíso.

Curiosamente, a partir do século XVIII, o cenário mudou completamente, a Ciência passou a preconizar uma diferença radical entre os sexos, definidos como opostos. A mulher era um ser diferente, o que acarretava uma consequência social imediata – não fazia sentido qualquer competição na esfera social. Essas diferenças irredutíveis surgiam a partir dos órgãos

reprodutivos e Virchow chegou a afirmar que as mulheres só existiam em razão dos seus ovários.

Para o tema que nos une, uma particularidade é importante. Até aí a palavra vagina quase primava pela ausência nas descrições anatómicas, sabemos que o seu significado original em latim era o de bainha, que abrigava uma pequena espada. Mas a pouco e pouco, esse verdadeiro receptáculo do sacrossanto pénis mereceu maior atenção dos holofotes. Tudo porque a explicação do mundo mudara. A transcendência religiosa, como base dos factos e hierarquias "naturais", dera lugar à autoridade da Ciência. A qual, apoiada no corpo em geral e no sexo em particular... os manteve intocados! A crença dera lugar à "objectividade". A *petite difference*, como lhe chamaram os franceses, podia dormir descansada – o seu estatuto simbólico da masculinidade hegemónica permanecia inalterado, o pénis podia encher o peito e continuar a reivindicar denominação muito antiga, a de Falo.

Porque a colagem do pénis ao poder masculino já assumia uma clareza inigualável durante o Império Romano, pelo menos até Marco Aurélio. Quem era Príapo? O deus grego da fertilidade? Sim. Mas para os romanos o seu enorme pénis não era encarado como uma deformidade, obedecia a um imaginário que resistiu bem ao passar dos séculos – quanto maior, melhor. E mais livre!, todos os caprichos lhe eram permitidos, desde que o objecto do desejo não gozasse da cidadania romana. Paul Veyne o disse e escreveu – Roma cultivou até aos Antoninos uma verdadeira moral de violação.

Mas com *nuances*... Associado à fertilidade, Príapo era também, desde os gregos, protector de vegetais, uvas e abelhas, não era raro que em Roma a sua imagem zelasse pelos jardins. Numa colectânea de poemas do século I A.D., as *Carmina Priapea*, encontramos um aviso aos ladrões – "Aviso-te, rapaz, que serás enrabado; rapariga serás fodida; uma terceira punição espera o ladrão com barba". Admito que seja difícil esquecer o colorido léxico das duas primeiras ameaças, mas a terceira é mais interessante, por se destinar ao homem adulto. A ele está destinada a pior das humilhações – será a boca a penetrada, fazendo dele o agente passivo – logo, feminino... – do acto sexual, mas além disso conspurcando uma das partes mais nobres do corpo.

A dicotomia activo/passivo era fundamental para os romanos, a masculinidade não estava ligada ao sexo do Outro, mas ao papel desempenhado na relação, o que de imediato proibia qualquer acto de submissão sexual às mulheres, sendo o *cunnilingus* o mais desprezado. Lembremos um epigrama de Marcial:

Ri-te lá à vontade, Sextilo, de quem maricas
te chama e espeta-lhe o dedo médio.
Mas tu não vais por trás, Sextilo, nem pela frente,
e a boca ardente de Vetustina não te agrada.
Não és nada disso, confesso, Sextilo. Que és então?
Não sei, mas tu sabes que sobram duas coisas.

Dois actos sexuais restam: o coito anal como parceiro passivo e o coito oral. A escolha é cruel e Marcial sabe-o bem.

Na realidade, a dicotomia que referi era tão importante para os romanos que impunha a inovação da própria Língua. Se para todos nós o verbo *fellare* é óbvio, pois dele nasce o termo felação, para muitos seria difícil descortinar o significado de *irrumare*, que traduz o acto de penetrar a boca do Outro. De resto, também existiam verbos para distinguir os papéis no coito vaginal e anal. Esta visão do sexo, que não se esgota na avaliação do acto em si, difere radicalmente da moral judaico-cristã, expressão bem injusta para Cristo, que nunca a pregou ou sequer insinuou. A moral romana exigia saber quem fez o quê a quem e em que contexto, antes de emitir uma opinião sobre os participantes.

Como em nenhuma outra sociedade, é legítimo dizer que o pénis está saturado de cultura, trata-se de um Falo, seja no que diz respeito aos papéis de género ou à fertilidade. E a propósito de Falo, lembremos que duas divindades em Roma eram por ele representadas, sem qualquer tipo de imagética semelhante à de Príapo: *Fascinus* e *Mutunus Titinus*. A 17 de Março um enorme Falo era transportado em procissão que honrava Liber, deus da fecundidade. As mulheres cavalgavam-no, na esperança de engravidar, para grande escândalo de Santo Agostinho. (Sendo psiquiatra e dada a luxuriante vida sexual de Agostinho antes da conversão ao Cristianismo e os sonhos que referia continuarem a atormentá-lo depois, arriscaria que se tratava de um conflito atracção/repulsão). O cruzamento dos dois simbolismos estava bem representado na entrada de um edifício em Pompeia, pela imagem de um pénis com a legenda "aqui reside a felicidade", utilizando um termo que também podia significar prosperidade e fertilidade. À nostalgia de um bom sexo juntava-se a de uma farta colheita. Sem surpresa, na vagina ou no clítoris não se depositava a mesma esperança...

A feroz chaveta activo/passivo tinha consequências que nos devem levar a resistir a transpor rótulos e conceitos actuais para a sociedade romana.

Tomemos o exemplo dos *cinaedi,* homens que preferiam assumir o papel passivo na relação sexual com outros homens. Como considerá-los homossexuais, quando frequentemente se envolviam também com mulheres? A tentação é deslizar para outro rótulo – e como os adora o mundo actual! – e decretá-los bissexuais. Mas os romanos não nos acompanhariam nessa viagem. Desde logo, o parceiro activo da relação homoerótica seria um homem "normal", confortável no seu papel de género. E aqui residia a indesculpável falha dos *cinaedi*, por alguns colegas nossos daquele tempo considerada uma verdadeira anomalia psíquica. Por um excesso de lascívia podiam entregar-se a ambos os tipos de actos. Acresce que apresentavam traços femininos no vestir, no andar e nas atitudes. Em suma, seriam verdadeiros "transgressores de género" e não de orientação sexual (Besnier).

Mas visitemos os mesmos lugares noutros tempos, por que não a Toscana e a sua jóia, Florença? Cujos habitantes gozavam de uma sólida reputação de amantes da sodomia, de tal modo que *florenzer* era sinónimo de sodomita na Alemanha. Entre 1432 e 1502 existiu uma instituição especificamente destinada a combater as relações homoeróticas, os Oficiais da Noite. Nos seus setenta anos de funcionamento, cerca de 17.000 indivíduos foram acusados e 3000 condenados, numa cidade que contava, na época, com cerca de 40.000 habitantes. Embora a tentação seja grande, não me debruçarei sobre as vidas de tal instituição e dos que perseguiu. É fascinante observar o que nos ensinam sobre a organização sócio-económica da cidade, os mecanismos de solidariedade masculina e familiar e um trajecto para a heterossexualidade adulta que incluía, na adolescência dos rapazes, uma fase "homossexual passiva". Diga-se que um processo de maturação semelhante, mais codificada, existira na Grécia Antiga, nas bem estudadas relações erasta/erómeno. Ambos os trajectos são incompatíveis com o olhar social maioritário do nosso tempo, colado à chaveta heterossexual/homossexual e desejoso de verificar – e impor... – orientações sexuais fixas.

Cantos de sereia evitados, salientarei apenas o contraste entre a perspectiva sobre o coito oral na cidade dos Medici e na Roma de que falámos. Em Florença, um rapaz que penetrasse um homem mais velho era, em termos legais, o parceiro passivo da relação, o sodomizado. Ou seja: para o mesmo acto, interpretações legais e morais completamente diversas. Se aprofundássemos a descrição de ambas as sociedades desaguaríamos numa conclusão indiscutível e já esboçada no texto: tanto em Roma – como na católica Florença! – estamos em presença de moralidades políticas, ou seja, que implicam

a análise de verdadeiros papéis de género dos intervenientes no acto sexual, no sentido de determinar quem era o parceiro activo (masculino) e o passivo (biológica ou socialmente feminino). Esta visão contrasta em absoluto com a defendida pela Igreja Católica, para a qual o acto em si chega para definir os participantes, independentemente de variáveis sociais.

Freud resumiria a questão dizendo que os Antigos privilegiavam a pulsão e nós o Objecto, leia-se, o sexo de quem é desejado. Mas em ambas o pénis desempenha um papel fulcral, até pela sua ausência!, recordemos de novo Marcial:

Já que nunca te via, Bassa, rodeada de machos
já que nenhum rumor te atribuía um amante,
mas, para todo o serviço, à tua volta, se afadigava
uma multidão do teu sexo, sem um homem presente,
parecias-me, confesso, uma Lucrécia:
mas, ó desgraça, eras tu, Bassa, o garanhão.
Ousas unir entre si duas ratas,
e faz de homem a tua Vénus de aberração.
Inventaste um prodígio digno do enigma de Tebas:
aqui não há homem, embora haja fornicação.

O génio mordaz de Marcial pinta um maravilhoso fresco da moral sexual romana. Sem homens por perto ou sombra de amante, Bassa é comparada a Lucrécia, símbolo da virtude feminina por se ter suicidado após uma violação; mesmo sem consentimento a sua honra estava manchada para sempre, triste preconceito de vida longa. De repente, o horror – é ela o garanhão, ou seja, o macho, usurpação inaceitável do papel masculino! Nessa relação entre mulheres onde está a cópia aberrante do homem? Num clítoris de dimensões avantajadas. A situação é de tal forma estranha que merece comparação ao eterno enigma de Tebas, pois como pode existir fornicação sem homem? Ela implica a presença de um pénis, que penetra e assegura o domínio masculino, que torna o mundo inteligível. E os prazeres legítimos...

Porque referi o nome de Freud, imagino que alguns dos leitores pensem, escandalizados: "não me digam que a pretexto do tema do livro o homem vai ter o desplante de ressuscitar a inveja do pénis?". E como poderia evitá-lo? A teoria freudiana sobre a sexualidade feminina tem os seus alicerces na constatação pela rapariguinha de que o rapaz possui algo que ela não tem e deseja. Eis o pénis como vantagem biológica e simbólica que implica desenvolvimentos diversos para os dois sexos. De tal forma que o orgasmo vaginal "puro" é tido como necessário para decretar a mulher psicologicamente madura, ao arrepio de toda a evidência já conhecida – incluindo por Freud! – sobre a maior inervação sensitiva do clítoris, considerado "masculino". Mais uma vez desequilibrados os pratos de uma balança cultural cruel para as mulheres, esses seres sobre os quais o velho senhor vienês deixaria a célebre pergunta: "Mas afinal o que querem as mulheres?". Talvez escutá-las ao longo dos séculos sem ideias preconcebidas e privilégios a defender tivesse ajudado a obter as respostas.

Há quem argumente, mesmo no âmbito dos feminismos, que a teoria freudiana deve ser encarada como descritiva e não prescritiva, ou seja, como um olhar sobre a sociedade em que viveu, e não um modelo que atravessaria, impávido, as diferentes épocas históricas. Não nego a minha curiosidade, impossível de satisfazer – que teoria seria a de Freud se vivesse hoje? Mas mesmo incapaz de escapar a uma visão clássica da Mulher, Freud preconizou um desenvolvimento psicossexual ligado às condições externas do desenvolvimento, a Natureza por si só não chegava para definir e determinar as mulheres. Essa distanciação entre sexo biológico e género seria aprofundada, entre outras, por Beauvoir. Que não se limitou a afirmar "não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres", mas marcou a diferença entre os sexos a um nível ontológico – "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro". E por Butler, que se (nos) interroga – "A concepção de política que uso está relacionada à questão da sobrevivência, física e psíquica. Como criar um mundo em que aqueles que entendem o seu género e o seu desejo como não normativos possam viver e prosperar sem a ameaça do mundo externo".

O desafio está aí, tão real como a ameaça climática. Arriscaria mesmo dizer que se durante o século XX o grande tema foi a orientação sexual, no XXI o Género e as suas inúmeras variações permeiam discursos e práticas, para libertação de uns e horror de outros. É cedo para fazer um balanço, mas não para formular um desejo: que o respeito absoluto pela diferença seja a regra e as múltiplas identidades reivindicadas, conscientes da sua própria fluidez, ergam pontes e não muros.

E os prazeres? Suspirarão de alívio numa sociedade menos falocêntrica? O Poder acarreta pressões enormes, a obrigação de cumprir as regras da masculinidade hegemónica ou esconder a pertença a uma das subordinadas, a normalização dos machos alfa, que não choram, vacilam ou duvidam;

no armário não escondem a homossexualidade, mas o sentir. O aliviar da pressão já proporcionou a exploração de novos papéis paternais, mais gratificantes para a criança, mas também para os adultos; a exploração de vertentes passivas no acto sexual, tanto ao nível dos comportamentos como das trocas fantasmáticas; o estilhaçar da equação paralisante entre sensibilidade e fraqueza.

Em contrapartida, deparamo-nos com novas possibilidades... que reforçam velhos estereótipos! Jovens para os quais a principal fonte de "educação sexual" é a pornografia, mecânica e propícia ao reforço da visão das mulheres como meros objectos de prazer; um progressivo desinteresse pelo sexo, primeiro na Ásia e agora na Europa, por as relações ao vivo e a cores serem complexas quando comparadas com a omnipotência sentida nas tecnológicas, neste momento já somos bombardeados com ofertas de *apps* que nos proporcionam namoradas virtuais programadas para (quase) tudo, incluindo jamais pronunciar a palavra "não"!; em termos gerais uma verdadeira erotização da comunicação virtual em detrimento da simples conversa de café ou do receoso convite para jantar; uma vida frenética que leva à exaustão física e ao exílio do imaginário erótico por falta de espaço psicológico.

Outros bem melhor do que eu se debruçarão sobre a Clínica neste volume. Falarão dos homens e dos casais que, se lessem o meu texto – punição imerecida! –, levantariam olhos disparando pergunta dolorosa – "e isto ajuda?". Como profissionais de saúde, devemos reconhecer que apesar de preciosos avanços na terapia e na compreensão fisiológica, a disfunção sexual continua a ser um formidável desafio. Pela angústia de quem a sofre e, demasiadas vezes!, de quem gostaria de ajudar, mas não teve no passado a formação necessária e no presente as condições mínimas de trabalho para a avaliação holística, cuidadosa e sensível que a disfunção sexual implica, refiro-me, sobretudo, aos colegas de Medicina Geral e Familiar.

Comecei pela mão de Léo Ferré, termino regressando aos braços da sua poesia. O verso que mutilei no início do texto pertence a uma das suas canções mais belas e pungentes – *La solitude*. O último reza assim – *La lucidité se tient dans mon froc*. E a última palavra é repetida com violência... A tradução mais consensual já é complicada para um filho da média burguesia portuense, afinal dizer que a lucidez se abriga nas calças não deixa grande margem a divagações anatómicas. Acontece que através do escritor André Gago, a quem agradeço, descobri uma versão em italiano cantada pelo próprio Ferré e a palavra usada é *mutande* (roupa interior, cuecas).

Bom... Sugerir que a lucidez provém dos órgãos sexuais masculinos não só é misógino, na ausência de afirmação semelhante sobre os femininos, como parece um apelo a uma eufórica abordagem dionisíaca da vida. Parece... Porque o velho senhor de negro vestido, que fascinou uma sala inteira no meu Porto, sozinho em palco, dedo acusador a toda uma sociedade, mas mão terna estendida para a mulher na plateia, o velho senhor era anarquista. E a Anarquia, ao contrário do que muitos pensam, não prega a desordem, mas sim a recusa de todas as formas de domínio e hierarquias de poder. Em termos sociais estamos no reino da utopia? Infelizmente sim. Mas não neste prefácio. Acredito firmemente que quanto mais libertos da opressão de espartilhos culturais, estereótipos e chavetas estiverem o sexo em geral e o pénis por arrastamento, mais gratificante será a vivência da nossa sexualidade.

E de tudo o resto...

Breve ensaio sobre o pénis, a verga, o falo...

Manuel Mendes Silva

A palavra pénis vem do latim *penis* (pincel) e representa o órgão sexual masculino dos animais vertebrados e invertebrados que possuem órgãos sexuais.

No ser humano, como em muitos animais – nomeadamente os mamíferos –, além da sua característica sexual como órgão eréctil copulador emitindo o esperma fertilizador – originado nos testículos, vesículas seminais e próstata –, tem também uma função mictória, dando saída, através da uretra, à urina – produzida nos rins e armazenada na bexiga, com esvaziamento periódico.

No homem, a tumescência e rigidez necessárias para a cópula através da erecção são unicamente obtidas pela pressão sanguínea no tecido eréctil, mas em alguns mamíferos existe um osso no pénis, o báculo, que auxilia essa rigidez.

O pénis, através do seu componente sexual, tem tido no imaginário histórico das civilizações – variando com os lugares e os tempos –, um grande significado de afirmação da masculinidade, de virilidade, de força e de poder, como, opostamente, existem também elementos lendários femininos de beleza, fruto de desejo, e fertilidade.

As várias representações nas artes, bem como no humor, na gíria e no calão vernáculo, assim o exemplificam, pois em todas as culturas o pénis, conjuntamente com as mãos e o coração, tem um significado simbólico intenso.

O pénis é um órgão pudendo (latim *pudendus*), isto é, que o pudor deve recatar. O pudor (latim *pudor*, grego *aidos*) é um sentimento de embaraço, de vergonha na exibição da intimidade. Embora esse sentimento seja quase generalizado na humanidade, ele é variável conforme as culturas, os tempos, os costumes e as regras. Em excesso, ele pode inibir comportamentos e manifestações de vária índole, nomeadamente artísticas.

No que respeita às artes, nas suas várias formas, as figurações do pénis são, pois, muitas vezes cobertas, escondidas ou disfarçadas, aparecendo menos vezes duma forma natural. Outras ocasiões, todavia, o pénis erecto tem uma simbologia de afirmação viril, vigor, pujança, autoridade, poderio, ou então de erotismo ou de ironia. As representações fálicas megalíticas, e depois no desenho, na pintura, na escultura, e até na arquitectura, ainda hoje nos impressionam.

São muito variadas as suas imagens, desde as pinturas rupestres à arte surrealista, passando pelo naturalismo da escultura e pintura greco-romana e renascentista; desde os monumentos fálicos pré-históricos à cerâmica satírica; desde a fotografia e outra arte erótica ou humorística, até à literatura e às expressões e descrições alegóricas, simbólicas e científicas...

O humor é fértil em tudo o que respeita a sexo, pénis, cópula, com a sua intervenção na masculinidade e também na autoridade e domínio. Os exemplos são múltiplos no anedotário oral ou escrito, na literatura, no desenho, ilustração, caricatura, fotografia, pintura, cerâmica e escultura.

São ou foram vulgares as denominações de verga (latim *virga*, vara, ramo) e falo (latim *phallus*, grego *phallós*, símbolo da fecundidade da natureza), e existem numerosos nomes comuns ou de calão, como, entre outros, pincel ou lápis, pau, cacete, pila, pinto, piça e c...alho[1], que também atestam esse imaginário de afirmação masculina, potência, força e poder. Todavia, apesar disso, existem, em relação a este órgão, numerosos condicionamentos de ordem civilizacional, cultural e religiosa.

A importância da religião, e também da moral e dos costumes, em ligação ao pénis, é bem conhecida, e quase todas as sociedades humanas, de uma forma ou de outra, têm manifestações nesse campo. Rituais simbólicos de circuncisão em recém-nascidos ou na puberdade, cerimoniais de iniciação sexual, inibição da manipulação e masturbação por mecanismos psicológicos ou físicos, contingências na actividade sexual, ou endeusamentos de certos arquétipos e padrões, são alguns exemplos.

O crescimento e desenvolvimento do pénis infantil, o mito e a realidade do seu tamanho no adulto, e o seu envelhecimento e atrofia por falta de

1. C...alho, de origem incerta, eventualmente do latim *caraculum,* pequena estaca, é um termo milenar ibérico, inicialmente vulgar, depois obsceno, do membro viril; era também o cesto, instável e incómodo, no topo do mastro das embarcações, de onde se avistava terra. A palavra, ainda hoje, é usada no calão com vários sentidos.

Iconografia a cores

referente aos capítulos

- *O pénis com humor*, de Jorge Rocha Mendes
- *O pénis e as religiões*, de Joshua Ruah
- *O pénis copulador e o pénis mictório...*, de Pedro Eufrásio
- *A circuncisão no mundo*, de Ricardo Ramires
- *O pénis e o envelhecimento*, de Pepe Cardoso
- *Quais as doenças e as patologias do pénis?*, de Luiz Leite
- *Quais as doenças e as patologias do pénis?*, de Bruno Jorge Pereira e José Alberto Pereira
- *Disfunção erétil*, de La Fuente de Carvalho
- *O pénis insatisfeito – curto ou torto...*, de Nuno Tomada
- *Os apertos na uretra*, de João Marcelino

1. Estatueta: *Leda e o Cisne,* 1994, Vista Alegre.

2. Churchill: figura articulada com malandrice, autor desconhecido, Caldas da Rainha.

3A-B. Porta jóias: dama com sombrinha e reverso, origem desconhecida.

1

2

3A

3B